

## AS ORIGENS DO IPIRANGA NO NÚCLEO COLONIAL ANTÔNIO PRADO

**Por José Antonio Correa Lages**

Barracão de Cima foi o primeiro nome do Ipiranga. E este nome se explica pela proximidade da Estação do Barracão ainda hoje existente no início da Av. Dom Pedro I, ali bem nos fundos da Escola Municipal Alfeu Gasparini. Nesta estação da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro é que desembarcavam os imigrantes europeus que chegavam a Ribeirão Preto, desde mais ou menos 1883, para trabalhar nas fazendas de café. Lembrando que nesse ano os trilhos da Mogiana chegaram a Ribeirão Preto. Com a ligação ferroviária até o litoral, estava aberta a porta de entrada para os europeus que acorreram em massa aos cafezais de toda a região.

E por que deram o nome de Barracão a esta estação? Com certeza porque existia ao lado dela um grande barracão coberto de telhas redondas de barro, com piso de terra batida e caibros de eucaliptos finos. Ali ficavam os imigrantes e suas famílias aguardando a chegada dos capatazes que os levariam em grandes carroções para as fazendas. Júlio Chiavenato, colunista do jornal *A Cidade*, descreve com detalhes a vida destes trabalhadores no seu livro *Coronéis e Carcamanos*. Ainda no barracão, estes recém-chegados eram entrevistados e seus documentos revisados. Era vergonhoso o tratamento dado aos imigrantes em muitas situações. Vários autores já o compararam ao tratamento de semi-escravo recebido dos fazendeiros que ainda não haviam se desprendido da herança dos tempos do cativo.

Mas como se formou o bairro do Ipiranga, ou melhor, do Barracão? Os primeiros quarteirões com suas primeiras casas seguindo a Av. Dom Pedro I e ruas paralelas se originaram de um Núcleo Colonial chamado Senador Antônio Prado, criado pelo governo do Império e inaugurado em 3 de junho de 1887, em terras que o Ministério da Fazenda confiscou do Tenente-Coronel Gabriel Garcia de Figueiredo na antiga Fazenda Ribeirão Preto. Este núcleo colonial tinha 589 alqueires e incluía a todo o território que corresponde hoje a vários bairros da cidade além do Ipiranga, como Campos Elíseos (chamado inicialmente de Barracão de Baixo), Sumarezinho, Jardim Mosteiro, Jardim Paulista, Jardim Novo Mundo, Vila Carvalho e vários outros bairros vizinhos.

Este foi o primeiro grande projeto de expansão urbana na antiga Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, estudado pela arquiteta Valéria Valadão na sua dissertação de mestrado apresentada à UNESP em 1997. Afirma esta pesquisadora que o núcleo tinha uma área urbana que corresponderia hoje justamente aos quarteirões adjacentes à Avenida Dom Pedro I, com residências e algum comércio embrionário. Seu perímetro se localizava entre as Ruas General Câmara, Acre, Santa Catarina e o leito da ferrovia. O restante era a sua área rural, constituída de sítios e chácaras que produziam alimentos para a população de Ribeirão Preto e alguma exportação pela ferrovia. O Núcleo Colonial Senador Antônio Prado teve como seus primeiros moradores nove imigrantes alemães, certamente por que já ocupavam pequenas glebas dentro da área.

Os lotes podiam ser adquiridos por 1.250 francos, sendo oferecidas facilidades de pagamento e condições que asseguravam o escoamento da produção, dada a proximidade da Estação do Barracão. Ao final do seu primeiro ano de existência, o núcleo contava com 111 colonos, sendo que a maioria era de imigrantes italianos, havia 161 lotes demarcados, 78 já medidos e 23

distribuídos. No segundo ano, havia 239 lotes com 227 habitantes. Os lotes rurais mediam de 10 a 12 hectares e os urbanos mediam 2,5 hectares. Vale aqui destacar também o trabalho da arquiteta Adriana Capretz Borges da Silva, “*Campos Elíseos e Ipiranga, memórias do antigo Barracão*”, publicado em 2006 e que nos passa um conjunto de informações muito interessante sobre a formação inicial do Ipiranga e dos Campos Elíseos.

Documento de grande valor histórico para os bairros desmembrados do antigo núcleo colonial são os registros de quitação dos seus lotes na área da sua sede, feitos pela Secretaria de Estado e Negócios da Agricultura e Obras Públicas de São Paulo, a partir de 1892 e que se encontram no Arquivo Público do Estado de São Paulo, na capital. No nosso livro “*Ribeirão Preto Revisitada*”, que recentemente foi lançado, pudemos listar, pesquisando aquele documento, os proprietários dos lotes da área do Ipiranga naquele ano. A grande maioria é de italianos e podemos considerá-los os fundadores deste bairro, seus primeiros povoadores. Muitos de seus descendentes estão entre nós, podem ser reconhecidos pelos seus sobrenomes de origem.

A título de ilustração, damos aqui a relação dos primeiros proprietários na Avenida Dom Pedro I, durante muito tempo denominada, então, de Capitão Salomão. Subindo a avenida, pelo lado direito:

Lote 7	(Ainda não quitado)
Lote 7-A	Bertolotti Giuseppe
Lote 8	(Ainda não quitado)
Lote 8-A	Antonio Poggi de Figueiredo
Lote 9	(Ainda não quitado)
Lote 9-A	José Battisteoh
Lote 10	Stephanelli Giacomo
Lote 10-A	Salvatore Malagali
Lote 11	Luiz Vieira
Lote 11-A	Geraldo Luigi
Lote 12	Pascon Giacomo
Lote 12-A	Luiz Gianini

Descendo a avenida, do lado esquerdo de quem sobe, seus primeiros proprietários foram os seguintes:

Lote 13	(Ainda não quitado)
Lote 13-A	Ercole Moroni
Lote 14	(Ainda não quitado)
Lote 14-A	Francisco Federico
Lote 15	Constantino Fazzolino
Lote 15-A	Antonio Richard
Lote 16	Antonio Jacinto Teixeira Rosa
Lote 16-A	Luigi Gelben
Lote 17	Collusci Giuseppe
Lote 17-A	De Bonis Vicente
Lote 18	Attílio Gianini

A alteração do nome Barracão para Ipiranga foi feita através de uma consulta à população no início da década de 1960, no primeiro governo Gasparini. Mas já são outras histórias que voltaremos em outras edições do jornal.